

FOLHA DE S. PAULO

SEXO RELACIONAMENTOS

Sexo sem camisinha só com exames em dia e entre casais monogâmicos, informam os médicos

Fala de influenciador sobre preservativo foi questionada por especialistas; testagem frequente evita ISTs em caso de traição

24.mai.2022 às 20h42

Atualizado: 25.mai.2022 às

JSh37

ERRADOS

Danielle Castro

RIBEIRÃO PRETO Toda semana, cerca de 5 mil mulheres jovens com idade entre 15 e 24 anos são infectadas no mundo pelo HIV, vírus que causa a Aids (<https://www.folha.uol.com.br/folha-topicos/aids>) (síndrome da imunodeficiência adquirida), de acordo com estatísticas da Unids Brasil, programa conjunto das Nações Unidas sobre a doença. No entanto, Gabriel Breier, um influenciador que prega o fitness natural (isto é, sem uso de anabolizante), considera a camisinha uma "falta de respeito" com o homem, além de "antibiótico."

"Tem maluco que namora e tal, e a menina começa a pedir para o cara usar camisinha. Eu acho que é incomum. Porque transar com camisinha é algo antibiótico, porque não é tu que está tocando a menina, é o plástico", declarou ele. Disse ainda que "[se] tu está transando com camisinha, tu é besta".

Especialistas ouvida pela **Folha**, porém, avaliam que a decisão de abandonar a camisinha deve ser feita em conjunto e acompanhada de exames regulares dos parceiros, além de o casal ter certeza que a relação é monogâmica para ambos.

Especialistas recomendam o uso de preservativos mesmo com parceiros fixos - Valerii Zan/stock.adobe.com

Com 134 mil seguidores no Youtube, 234 mil no TikTok e 108 mil no Instagram, o influencer tem números pequenos perto do cenário que se dispôs a enfrentar, como o aumento das infecções sexualmente transmissíveis (ISTs) em mulheres e gestações precoces, problemas graves no Brasil e no mundo.

Nos últimos 15 anos, segundo a Unaid, agência da Nações Unidas, elas passaram a representar 53% dos casos mundiais de HIV e 30,6% das infectadas pelo vírus no Brasil (87,8% delas via relações heterossexuais).

Hoje, infectados pelo vírus que buscam tratamento logo após a infecção podem não desenvolver a doença, mas sem o diagnóstico, o risco de adoecer cresce.

Além disso, o país tem uma das mais altas taxas de gestação na adolescência

(<https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2019/05/cresce-proporcao-de-bebes-nascidos-de-adolescentes-na-periferia-de-sp.shtm>), COIII 400 mil casos por ano, de acordo com dados do Ministério da Saúde.

As críticas em torno da fala do influenciador ganharam corpo na voz de famosos e usuários do Twitter. Com 14,5 milhões de seguidores no Twitter, o youtuber Felipe Neto pediu para mulheres continuarem usando o preservativo, "principalmente se for pra prevenir o mundo de homens que nem esse", escreveu.

A usuária Jacy Carvalho, que tem 80 mil seguidores na rede, tuitou indignada: "USEM CAMISINHA estando solteiras ou em relacionamento sério ou casadas."

Para Jamal Suleiman, médico infectologista do Instituto Emílio Ribas, a relação precisa ser de fato monogâmica e ambos precisam ter testes para ISTs negativos e vacinação em dia contra as doenças para as quais já existe prevenção, como HPV, Hepatite B e Hepatite A.

"Se um for positivo, e falando especificamente de HIV, a carga viral precisa ser baixa para não usar camisinha. Precisa ver se tem capacidade de infecção ou não. Também tem a opção de fazer a profilaxia pré-exposição", afirmou o médico. O infectologista reforçou que em uma relação aberta o uso da camisinha é recomendado e, embora haja opções de profilaxias, não há porque questionar a eficácia ou necessidade do método.

A infectologista I4aren Mirna Loro Morejón, responsável pelo Serviço de Infecção Hospitalar do Hospital da Unimed, faz coro à fala de Suleiman. Ela afirma que o preservativo faz parte da estratégia de prevenção de doenças infecto-contagiosas.

"Se há uma decisão, em conjunto, do casal em não usar [camisinha], que isso seja feito de forma consciente e com todos os riscos avaliados. Que se foque em outros métodos de prevenção combinada com testagem regular para ISTs."

A professora defende o diálogo franco e respeitoso com um profissional de saúde, e o autocuidado feminino para que as demandas íntimas sejam acolhidas e as dúvidas sanadas antes de qualquer decisão.

"Temos muitas mulheres que foram infectadas pelos parceiros. A maioria, de fato, desconhecia seu diagnóstico, mas alguns sabiam e não haviam revelado às parceiras", diz.

Jose Valdez Madruga, médico infectologista e coordenador do Comitê de AIDS da SBI (Sociedade Brasileira de Infectologia), também acredita que a decisão deve ser tomada em conjunto pelo casal, e que é preciso estar claro se a relação é monogâmica para ambos.

Caso não tenham o mesmo status sorológico, o positivo deve estar tratamento com carga viral indetectável. "Há fatores que precisam ser considerados para tomar a decisão de usar ou não preservativo. Algumas vezes, apenas um é monogâmico e só descobre que o outro não é monogâmico quando aparece uma infecção de transmissão sexual", apontou o médico.

Em nota, a Unids recomenda a combinação de métodos contraceptivos (<https://unids.org.br/prevencao-combinada/>), Como a camisinha e a profilaxia pré-exposição.

A Sociedade Brasileira de Urologia de São Paulo declarou em nota, por meio de seu presidente Marcelo Wroclawski, que o "uso de preservativos masculinos é um pilar fundamental da prevenção de infecções sexualmente transmissíveis, como HIV, HPV, hepatites, sífilis e gonorreia, dentre outras", além de um método eficaz para se evitar gestações não desejadas.

A entidade repudia a desinformação promovida pelo influenciador, uma vez que "pode ser danosa à comunidade leiga, estimulando o uso do preservativo em relações sexuais eventuais".

Evalcilene Santos, 45, ativista e militante de direitos humanos, vive com HIV desde os 22 anos. Para ela, o preservativo precisa ser defendido como um dos insumos mais importantes na luta contra a transmissão de ISTs e e pela preservação da vida das mulheres.

"Nunca me falaram do preservativo. Quando me descobri, jovem, já tendo filha e amamentando com HIV, foi muito horrível. Será que hoje eu estaria infectada com HIV e tomando medicamento todos os dias, com sequelas no meu organismo? Eu não gostaria de estar com essa infecção e das pessoas ainda não falarem comigo por estigma e discriminação."

A ativista afirma ainda que a educação popular continuada, acesso e autonomia feminina para usar camisinha e outras formas de prevenção são essenciais pois considera que falas machistas como essa do influencer podem matar mulheres. "Nós mulheres temos o direito ao nosso corpo, de [escolher] usar ou não o preservativo. Forçar uma mulher a não usar quando a mesma solicita o uso é uma violência sexual", lembra Evalcilene.

Jenice Pizão, 63, do Movimento Nacional das Cidadãs PositHIVas, chamou a fala do influencer de "sandice irresponsável" e afirma que ele deveria sofrer as penalidades legais devido à "tamanho falta de sensibilidade e conhecimento do tema.

"Uma fala preconceituosa, misógina. Como se considera um influencer? Vivo com HIV há 32 anos, me infectei por total falta de informação na época, achando que o vírus não existia no meu meio. Foi um erro e com isso me infectei", lamenta.

Ela cita ainda tecnologias mais recentes, como as profilaxias pré e pós exposição oferecidas pelo SUS (Sistema Único de Saúde).

"Fazendo o tratamento correto, a carga viral fica indetectável e não infecta ninguém. A informação que ele transmite é uma informação que pode levar a danos seríssimos e incentiva comportamento de risco. Por isso ele deveria ser penalizado", declara.